

Cerimônia discreta na segunda posse

Presidente promete, em discurso, combater a desigualdade social

Maurício Corrêa
de Brasília

A posse do presidente Fernando Henrique Cardoso para o seu segundo mandato se caracterizou pela eficiência do cerimonial, que organizou um evento discreto, bem diferente daquele realizado há quatro anos. Até mesmo São Pedro ofereceu uma trégua ao presidente e colaborou com tempo firme durante todo o período oficial da cerimônia, na última sexta-feira. Mas se houve algo que se destacou na segunda posse do presidente foi exatamente a falta de calor popular nas duas cerimônias, no Congresso Nacional e no Palácio do Planalto.

Num discurso de 19 páginas lido no Congresso, Fernando Henrique disse que não foi reeleito para ser o "gerente da crise" e, sim, "para superá-la e para cumprir as promessas de campanha. Para continuar a construir uma economia estável, moderna, aberta e competitiva. Para prosseguir com firmeza na privatização. Para apoiar os que produzem e geram empregos. E assim recolocar o País na trajetória de um crescimento sustentado, sustentável e com melhor distribuição de riquezas entre os brasileiros".

O plenário da Câmara dos Deputados tem capacidade para receber 500 pessoas, mas estava parcialmente vazio, principalmente de congressistas. Em seu discurso, o presidente afirmou que "o Brasil continuará a desempenhar papel ativo na revisão da arquitetura do sistema financeiro internacional. Não podemos aceitar que aplicações especulativas, por não estarem submetidas a qualquer tipo de supervisão ou or-

denamento, desarticulem o processo produtivo e constituam ameaça recorrente às economias nacionais", declarou o presidente.

Fernando Henrique lembrou que "de pouco vale ao País ser a oitava economia mundial se continuarmos entre os primeiros na desigualdade social". E salientou que o mesmo País que foi capaz de vencer o autoritarismo; de vencer a inflação, construindo a estabilidade monetária, agora tem pela frente "o desafio de edificar uma sociedade mais igualitária".

Quatro nomes foram citados no discurso do presidente: Joaquim Na-

"Pouco vale ao País ser a oitava economia se continuarmos entre os primeiros na desigualdade social", disse o presidente.

bucó, o intelectual, político e escritor, que foi embaixador do Brasil em Washington no início do século; Gilberto Amado, político e diplomata; o "inesquecível amigo Luís Eduardo Magalhães, que aos nos deixar, no ano passado, nos legou o exemplo de sua competência, visão e amor ao País" e, finalmente, o ex-ministro das Comunicações Sérgio Motta, também falecido, "um dos amigos mais queridos, companheiro de uma vida de lutas", que, já bastante doente, lhe escreveu: "Não se apequene. Cumpra seu destino histórico. Coordene as transformações do País".

Na cerimônia realizada no Congresso, o presidente do Senado, An-

tônio Carlos Magalhães, foi quem deu o tom de emoção, surpreendendo com um discurso em que grande parte não estava no protocolo. "Quem não tem força e coragem para enfrentar a adversidade não merece ter o dom da vida. Essa nossa adversidade é passageira e vamos vencê-la. V. Exa. tenha a certeza de que, como comandante supremo deste País, encontrará sempre o respaldo do Congresso Nacional, dos seus representantes e, sobretudo, do povo brasileiro", disse o senador.

Em seguida, no Palácio do Planalto, o presidente recebeu a faixa presidencial das mãos do chefe do cerimonial, embaixador Valter Pely, e empossou o novo ministério. Depois, foi oferecido um coquetel aos convidados, momento em que Fernando Henrique Cardoso mostrou bom humor durante todo o tempo, cumprimentando as pessoas e conversando informalmente com jornalistas.

O dia da posse terminou com um jantar oferecido no Palácio da Alvorada, que já está causando consequências políticas, pois integrantes do primeiro escalão, como os ministros Pimenta da Veiga (Comunicações), Francisco Dornelles (Trabalho) e Eliseu Padilha (Transportes), que fazem a articulação das bancadas do PSDB, PPB e PMDB com o governo, ficaram de fora da lista dos convidados.

Em compensação, o ex-ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros e o ex-presidente do BNDES, André Lara Resende, que deixaram o governo em consequência de suas atitudes no processo de privatização da Telebrás, participaram do jantar.